

Kubrick ... de olhos bem abertos

Crítica do filme De Olhos Bem Fechados, de Stanley Kubrick, Warner, 1999.

Adriano Barbuto*

Há duas teorias sobre o gênio de Mozart, este que efetivamente foi garoto precoce no mais alto grau, e que disseminou a onda de se achar crianças super dotadas em qualquer esquina (daí vemos em programas televisivos papagaios que decoram livros de dados sem nem saber do que se trata). Uma indaga o que teria acontecido à história da música se ele não houvesse morrido tão jovem. Outra é a de que ele tinha atingido um grau de perfeição tão alto que já não havia mais o que fazer.

Ao se assistir o último filme de Stanley Kubrick, *De olhos bem fechados*, esse último pensamento vem aos nossos cérebros, por vários motivos. Kubrick faria algo mais perfeito, com nível de sofisticação tão alto, se não tivesse morrido?

Por que temos essa necessidade de rotular alguns de gênios? (se bem que ultimamente isto tenha se aplicado indiscriminadamente a qualquer novo tolo da música pop). Seria talvez porque tal pessoa faz algo que nos deixa estarrecidos, cuja forma e conteúdo é tão perfeito que sentimos uma gostosa, podemos dizer isso, inveja de uma perfeição que em certos momentos parece sobre-humana, um achado de deuses visíveis e humanos? Ou seria porque essa aparente perfeição nos toca a ponto de nos questionar-mos: eu nunca seria capaz de realizar tal coisa tão perfeitamente? Cremos que um misto dessas duas respostas e mais uma porção de outros fatos que poderíamos enumerar, nos levam a essa busca pelos gênios. Espiritualismos à parte, o fato é que o filme traz consigo uma série



de "perfei-ções" e achados.

A começar pelo tema. Assim que o filme termina, sentimo-nos chocados, algo difícil de definir, uma sensação muito forte, quase que física. Depois de um tempo, com o pensamento voltando ao normal, a análise torna-se mais fácil. O filme toca em assuntos muito caros ao universo da vida contemporânea, principalmente o universo sexual masculino. Afinal, toda a aventura (!) do filme se inicia após o relato de uma esposa a seu marido sobre o seu sentimento sexual, quando conta ter experimentado desejo por outro indivíduo, e ambos discutem por uma onda de ciúmes. Seu marido, até então muito calmo e não ciumento (ela mesmo o diz), vê seu inferno começar. É interessante notar que o adultério não se consumou, mas o simples interesse da mulher por um outro homem o leva a um desassossego jamais sentido. Afinal, uma das maiores paranoias masculinas é ser comparado a outro macho, seja por dinheiro, seja principalmente no sexo (coisas que estão imbricadas com o poder). Para o universo do homem, o fato da mulher sentir de-

sejo por outro significa ser pior, uma espécie de falha, de algo que falta. Sabemos que racionalmente isso não é verdade, mas uma vez envolvidos não há como escapar a esse sentimento cruel.

É isso que leva o personagem à noite e seus encantos, como que por vingança. Vemos então desfilar pela tela mais um monte de nossos desejos secretos, como ser paquerado por várias mulheres (as duas meninas que Tom Cruise abraça na festa, o sonho de ser o mais desejado entre muitos), pedofilia (a menina da loja, belos olhos intumescidos de desejos), prostitutas, uma festa onde tudo é permitido, com orgias e mulheres com quem não



se precisa criar relações, pois as pessoas estão mascaradas. Enfim, o paraíso na Terra. O que começa fantástico, revela-se trágico. Não há prazer sem dor, e das piores. Afinal, o que pode ser mais apavorante para o universo masculino do que o medo de ser currado (a cena em que o "chefe" da festa pede para o personagem principal se despir depois de errar uma resposta), o de ser reconhecido de um jeito improvável (como poderia ter sido ele reconhecido se estava de máscara, tanto pela moça como pelo chefe, parecendo os sonhos ruins que temos às vezes ou os livros de Kafka) ou ainda ser paquerado por um homossexual (o rapaz do hotel, numa aparição cuja direção de atores é notável), cruzar com uma gangue de adolescentes folgados estando-se sozinho, ser seguido na noite por alguém. Só isso arrepiaria o mais forte dos durões. Mas Kubrick ainda faz questão de mencionar a AIDS, mesmo sem desenvolvê-la dramaticamente, só para frisar mais um de nossos medos e anseios. E o maior de todos: o verdadeiro pavor que temos de saber um dia que somos controlados por uma única (ou poucas) mente, e que nossas ações são quase que nulas. Pensamento que começa a inquietar já na Grécia clássica (o mortal a lutar contra o Destino, contra um deus muito mais forte), passou pelo

Expressionismo Alemão (o que é Mabuse senão isso) e chega agora em versão atualizada. Afinal, no filme, os organizadores da festa tem um controle total sobre a personagem de Tom Cruise,

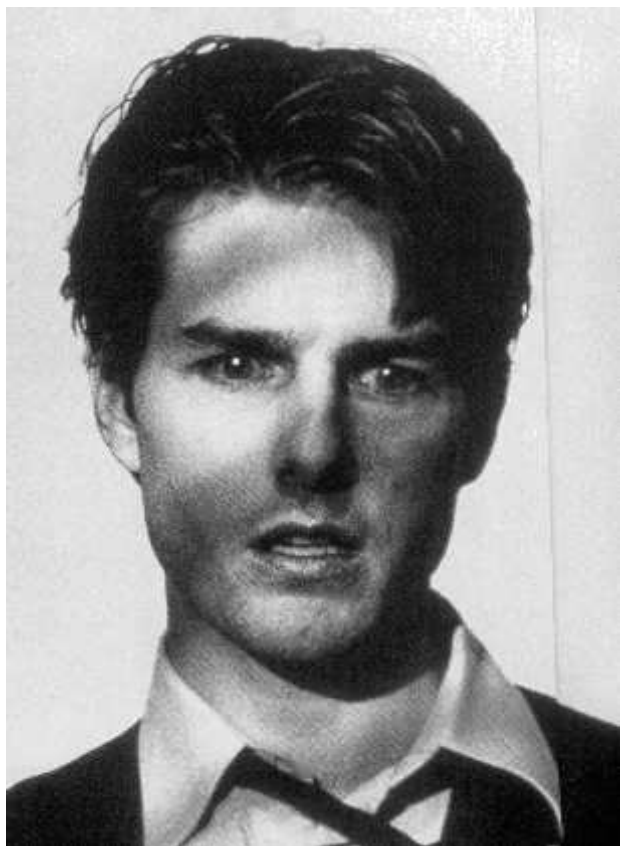
como na cena em que ele vai à casa onde aquela o-correra e nem bem ele chega já lhe dão um bilhete, revelando a onipotência dessas pessoas. Também quando seu amigo (o ator e diretor Sydney Pollack) vai conversar com ele, sentimos que tudo é perigoso. A rede se fechando, o termos de nos contentar com nossa situação para não ferir os grandes, os que controlam. Quem já não pensou alguma vez na vida: e se tudo que vemos na mídia não é fruto de um só cérebro, alguém que tudo

controla e que nos manipula como bonecos de marionetes! Talvez até seja verdade, mas nunca vamos querer admitir. Angústia que o filme *Show de Truman* tão bem explorou, mas que no caso é levado a mexer mais profundamente, nos deixando uma sensação de nulidade mais forte.

Este filme, por lidar com esses conteúdos, se revela uma experiência sensorial muito forte, pois trata de medos ancestrais. Nunca o cinema nos havia feito temer tanto desde *Psicose*. Não o pavor clássico, mas uma espécie de pavor metafísico e filosófico, que incomoda no escuro como no claro, algo de estranhamente palpável sob aparência distante.

Todas essas situações, apesar de fortes, não seriam tão impressionantes se fossem utilizadas por mãos incautas. É aí que reside o mérito de Kubrick, e que nos traz a referência de Mozart, claro está que sem querer compará-los. A forma como tais questões foram transpostas para a tela, com uma série de detalhes meticulosos, é que dá a riqueza da obra. A começar pela estrutura do filme, que parece um pesadelo, um sonho, um fato levando a outro, como que por associação de idéias. E nisso os detalhes são importantes. O homem da loja de máscaras é estrangeiro, é balcânico, reforçando a contemporaneidade dos temas, evocando guerras e xenofobia. Os que

acompanham sua filha possuem corpos bizarros, sendo um deles anão, como os deformados que Da Vinci retratou em desenhos. Na festa, o efeito de assistirmos aos diálogos dos mascarados, onde não se vê a boca mexer, reforça o lado sonho, como quando tentamos correr num pesadelo e não conseguimos, ou seja, vemos a ação e não o efeito, e vice-versa, numa sinestesia esquisitíssima. Quando descobrem Cruise, todos se viram para olhá-lo, igual a quando percebemos que estamos nus e não havíamos nos dado conta, sonho recorrente. Para piorar a impressão, há atrás dele uma máscara com um sorriso enorme estampado, um efeito visual interessante e perverso. A segunda seqüência do filme, quando marido e mulher dialogam, é de uma *mise en scene* perfeita, que vai nos cortando qual navalha, e vamos acompanhando a personagem de Tom Cruise se desmoronando aos poucos, retalhado por dúvidas. Quando a frase mais cortante é proferida, Kubrick opta por fazer câmera na mão, e essa instabilidade é a representação perfeita do que passa com o marido, que como a câmera, fica ao jogo dos vai-e-vens. Podemos citar ainda vários detalhes, como quando ele chega em casa e passa a tranca na porta, burguês assustado com o mundo real (?) que se esconde entre as quatro paredes. Há ainda, reforçando a



impressão esquisita, a mesa de *snooker* da casa da personagem interpretada por Sidney Pollack, que está revestida com pano vermelho, dando um efeito estranhíssimo, como se as cores estivessem invertidas, pois a luminária é verde (o normal seria luminária vermelha e pano verde). O homem que o segue na rua é perfeitamente careca. Tire os cabelos de uma pessoa e tente lhe dar idade. É muito difícil, o cabelo é uma ferramenta utilíssima em tais casos. Lembre-se que tanto os bebês como os idosos não os possuem, e essa oposição desnorteia o curioso etário. Os detalhes aumentando a sensação de instabilidade, de ambigüidade.

O aspecto visual do filme também é muito bem realizado. Kubrick tenta filmar (assim como no seu filme *Barry Lindon*, onde se filmou à luz de velas) com as luzes que vemos em cena, sem recorrer às luzes por "trás da câmera". É só reparar como em todos os ambientes há uma enorme quantidade de fontes de luz, abajures, cortinas de luz, árvores de natal, etc. Para conseguir captar luz desse modo, deve-se usar um negativo muito sensível, provavelmente um de 500 ASA, senão o novo 800 ASA, e puxar na revelação, o que faz a imagem granular demais. A luz fluorescente, que fotograficamente tem uma coloração verde, não é corrigida, assim como outras fontes de luz. O baile inicial é cheio de "flares" (luzes que incidem diretamente na lente e se difratam). O que é feio para muitos, aqui torna-se efeito. As cores, os grãos, dão essa ambigüidade, pois são mais reais, no sentido de não manipuladas, mas ao mesmo tempo falsas e esquisitas (cores fortes, distorcidas para o bom gosto cinematográfico). E esse é mais um mérito para o diretor, que ousa fazer uma superprodução com "defeitos" técnicos. Corajoso também exibir um astro como Tom Cruise em sua real dimensão, quase um nanico perto dos outros atores, pequeno ante a situação que lhe é apresentada. Nisso lembra Coppola, doidos que não se contentam em ficar do alto do pedestal de grande cineasta e partem para vôos mais altos, experimentando estéticas e tecnologias. Dá para imaginar *O Iluminado* sem *steady cam*? E *Apocalypse Now* sem ser filmado no meio da floresta, com Marlon Brando gordo?

O uso da música é de uma rara felicidade, tão bem utilizada como em *2001, Uma Odisseia no Espaço*. Além de casar perfeitamente com cenas e situações (o piano toca uma nota fortís-

simo sempre que a situação se agrava), dão também a idéia de ambigüidade, visto a valsa que ouvimos ao longo do filme, de Shostakovich, fazer parte da *Jazz Suites*. Valsa ou jazz, o que é que vemos e ouvimos? E se Nicole Kidman tivesse inventado a história do oficial da marinha por ciúmes, só para sacanear? É interpretação plausível em se tratando de brigas de casais. Todo o desespero do marido, e suas preocupações, teriam sido em vão, tolos que somos. E o que dizer da senha para adentrar a festa, *Fidélío*, que é uma ópera de Beethoven onde uma mulher se passa por homem. Hitchcock falava que sempre punha detalhes para serem descobertos ao longo dos anos e das várias vezes que assistimos, para incrementar. Eis um caso onde o conselho foi seguido.

Outra característica que vemos presente em *De olhos bem fechados* (título por si só paradoxal) é o olhar cínico e distante com que Stanley Kubrick apresenta o filme. Ele parece nos mostrar, dar pistas, mas não pactuar com ninguém, desconfiando de tudo e todos. A narrativa não sofre com seus personagens, só revela sua pequenez, cinicamente. Talvez como ele mesmo, um misantropo que praticamente não saía de casa, apartado do contato físico com este mundo. Uma personagem de Eugene O'Neill exaltava Baudelaire por descrever tão bem Nova Iorque sem conhecê-la. Não seria o caso desse cineasta, capaz de falar tão bem do mundo moderno sem pôr os pés na rua há vários anos, isolado com sua família e bichos de seu zoológico? Qual outro percebeu tão bem a paranóia sexual que vivemos, onde todos dizem que comem todos, mas efetivamente poucos comem poucos. O que vemos na tela é um monte de desejos, dos quais nenhum é realizado (nem a transa propalada entre o casal de atores). O filme é sobre uma série de fracassos masculinos, como um Don Giovanni que vê todas suas tentativas irem por água abaixo, talvez por suas próprias deficiências, talvez pelas más circunstâncias. E ainda querem enterrar Freud pela segunda vez, como se tivés-

semos tentando ocultar o que ele revelou de nossas entranhas.

Em suma, o filme é obra de uma elaboração inteligente e refinada. Pode-se não gostar, mas difícil negar que é de uma construção exemplar. Um homem que demorou 12 anos para fazer um filme (*Nascido para matar* é do fim dos anos 80) só o faria de modo lapidar, pensando em detalhes, sem pressa. Sem pressões. Seu nome já estava garantido entre os maiores cineastas, não era preciso arriscar. Mas o fez, e mais uma vez nos lega um filme fundamental. Falar mal para simplesmente arranhar a unanimidade é burrice. Os críticos não deveriam aparecer mais que a obra. Nunca. Ninguém é obrigado a gostar de Mozart, mas deixar de lhe reconhecer o gênio é complicado!



Stanley Kubrick (1928-1999)

*Adriano Soriano Barbuto é professor do Departamento de Artes, Bacharelado em Imagem e Som, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).